

# O destino de Tântalo e o diabetes tipo 2 à luz da antroposofia

---

**Luiz Müller**

Psicólogo antroposófico

Endereço para correspondência: luiz.muller@live.com

---

**Resumo:** Este trabalho abordou especificamente o diabetes tipo 2. Seu aspecto central foi a realização de uma leitura da doença a partir da perspectiva da antroposofia. Uma vez que a prevalência do diabetes tem se elevado vertiginosamente, foram levantados aspectos característicos do cenário pós-moderno, os quais parecem desempenhar um papel de grande relevância para o aumento do número de casos. Foi realizada uma leitura simbólica do mito de Tântalo com o objetivo de expandir a compreensão do indivíduo que tem como destino o diabetes tipo 2.

**Palavras chave:** Psicossomática, estresse, pós-modernidade, diabetes tipo 2, mitologia.

**Abstract:** This study specifically addressed the type 2 diabetes. Its central feature was the reading achievement of a disease from the perspective of anthroposophy. Since the prevalence of diabetes has increased vertiginously, were raised hallmarks of the post-modern, which seem to play a major role to increase the number of cases. A symbolic reading of the myth of Tantalus had performed in order to expand the understanding of the individual that target type 2 diabetes.

**Key words:** Psychosomatic, stress, postmodernity, type 2 diabetes, mythology.

## Introdução

A primeira descrição documentada que se tem notícia dos sintomas do diabetes encontra-se no chamado papiro de Ebers, e data de 1552 a.C., sendo considerado o documento médico mais importante do Egito Antigo. O relato descreve pacientes que sentem uma sede contínua, emagrecem e urinam em abundância, também consta um tratamento que incluía folhas de hortelã, dieta e súplicas a Ísis e Osíris. Apolônio de Memphis em 250 a.C. foi o primeiro a utilizar a denominação diabetes que, em grego, significa sifão ou tubo para aspirar água. O nome foi dado devido à sintomatologia da doença. Posteriormente, no século I d.C. médicos gregos observaram que as formigas eram particularmente atraídas pela urina dos pacientes, a partir daí foi acrescentada a terminologia mellitus que, em latim, significa mel; a patologia passou a ser chamada urina doce (Gama, 2002). Desde então o conhecimento a respeito da

patologia aumentou consideravelmente, entretanto, o diabetes continua sendo uma doença incurável. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) há no mundo mais de 240 milhões de pessoas com diabetes.

Segundo estudo recente, na atualidade grande parte das pessoas morre de complicações cardíacas, câncer e diabetes tipo 2, sendo estas doenças expressão do estilo de vida vigente (Brasil, 2008). A época na qual vivemos é permeada por crises, segundo Souza (1999): “São diversas numa só: econômica, social, política, cultural, ética, artística, comportamental, psicológica. Gera angústia difusa. Às vezes apatia”. Este cenário nos remete, por conseguinte, a um fator de grande relevância junto aos quadros de diabetes, o estresse. Diversos estudos, realizados nas últimas décadas, evidenciaram o envolvimento de todo o organismo nas reações ao estresse, que pode causar ou piorar um grande número de doenças (Penteado & Oliveira, 2009).

## Um espetáculo estressante

As mudanças ocorridas no cenário mundial na segunda metade do século XIX e que vêm se acentuando, têm como característica marcante a experiência de tempo e espaço de si mesmo e dos outros. Berman (1989) dá a esse conjunto de experiências o nome 'modernidade'. De acordo com ele: "Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação, e transformação das coisas ao redor, mas, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos". A imagem que Berman usa como metáfora deste processo é 'turbilhão', e Sevchenko (2002) o compara a um passeio na montanha-russa: "(...) num repente nos precipitamos numa queda vertiginosa, perdendo as referências do espaço, das circunstâncias que nos cercam e até o controle das faculdades conscientes". Este autor divide o 'passeio' em três fases e os tempos atuais seriam a terceira, o *loop*. Este corresponde à síncope final, "o clímax da aceleração precipitada, sob cuja intensidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos, entorpecidos, aceitando resignadamente ser conduzidos até o fim pelo maquinismo titânico".

Souza (1999) diz que poucos parecem entender o que está acontecendo, segundo ele a tecnologia da qual tantos esperam a salvação é um meio e, não resolverá as dificuldades da humanidade. Ao contrário, pode agravá-las, pois estamos em meio a um perigoso processo de aceleração da história, e sua velocidade vertiginosa não nos permite muito tempo para eventuais correções de rumos.

Não é consenso, mas para alguns autores o que estamos vivendo já não é mais modernidade, mas sim, pós-modernidade. Harvey (2002) parece ter 'acertado na mosca' quanto a esta questão quando diz: "é a profunda mudança na estrutura do sentimento que separa a modernidade da pós-modernidade". Falar em pós-modernidade é, portanto, considerar uma ruptura na modernidade, caracterizada não só por uma nova totalidade social, mas principalmente por novas posturas ideológicas e respectivos comportamentos nas mais diversas esferas onde atua o homem.

Tudo então passa a ser um espetáculo, exatamente com o sentimento de novidade, de grandiosidade, uma sensação de permanente aventura, felicidade e ousadia. Guy Debord (1997) explica que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. E os

meios de comunicação de massa são apenas a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo, que faz do indivíduo um ser infeliz, anônimo e solitário em meio à massa de 'consumidores'. Nesta perspectiva, recupera-se no plano da imagem a unidade que falta à vida. Guy Debord definiu de forma profética em 1967:

O espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias, tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida.

O quadro descrito acima não pretende esgotar o assunto, que é vasto, mas sim expor brevemente as questões cruciais que fomentam o estilo de vida vigente.

## Diabetes tipo 2 e antroposofia

De acordo com Girke (2002), são as qualidades da consciência e do movimento que estão mais estreitamente ligadas ao metabolismo do açúcar. A consciência se desenvolve sobre o sistema neurosensorial e manifesta uma dependência do metabolismo da glicose. Da mesma forma, o movimento como fenômeno do sistema metabólico-motor realiza-se sobre a base do metabolismo do açúcar. No homem, a consciência se eleva para a possibilidade da autoconsciência e, o movimento por sua vez, está submetido a uma intenção consciente e ao controle do eu. Segundo Husemann e Wolff (1978), o catabolismo dos carboidratos não se encontra alterado nos diabéticos. Desse modo, o responsável pelo diabetes não é o corpo astral mas sim, a organização do eu. Ocorre que, no diabetes tipo 2, a organização do eu ao imergir na esfera astral e etérica fica tão enfraquecida que não pode mais exercer sua atividade sobre o açúcar. A captação do açúcar ocorre pela produção de insulina no pâncreas, este hormônio é resultado da atividade da organização do eu que, por esse meio, estende sua atuação ao metabolismo. A regulação do açúcar no sangue é observada como função da interação de vários hormônios endócrinos.

O homem ganha consciência de si mesmo e do mundo por meio do sistema neurosensorial. O mun-

do colorido da alma e da multiplicidade de impressões sensoriais se tornam conscientes. Contrariamente a esse impulso em direção à consciência, porém, a alma tem outra orientação que se apodera do organismo em processos motores e metabólicos. É a organização astral que faz o organismo vivo ficar acordado e consciente, então, o polo superior da organização humana, é essencialmente um veículo de consciência, enquanto no polo inferior vive principalmente nas funções metabólicas e motoras. A consciência surge através de uma metamorfose das forças vitais. Estas atuam nos processos de crescimento e regeneração de vida do organismo, mas também podem ser transformadas em forças da consciência. Consciência e movimento manifestam assim as suas qualidades polares (Girke, 2002).

Prossegue Girke:

Quando a interioridade humana está orientada para o sistema neurossensorial, observa-se um aumento na concentração de glicose no sangue, e quando ela está ativa no sistema metabólico-motor, um decréscimo é observado. Quando a vontade humana toma conta de forma adequada da organização metabólica, não há distúrbio da sensibilidade à insulina e, portanto, não há distúrbio na absorção de glicose pela musculatura. Quando a sua eficácia na organização do movimento é inadequada, a resistência à insulina se desenvolve.

A força de vontade inerente à individualidade aparenta incapacidade de atuação eficaz, assim a organização do eu engaja-se insuficientemente no sistema metabólico-motor.

A síndrome metabólica está intimamente associada ao diabetes tipo 2, e a vida emocional dos pacientes com síndrome metabólica frequentemente exibe uma excitabilidade e impulsividade que podem chegar ao ponto de instabilidade emocional. Parece que a dinâmica da astralidade, que normalmente se expressa no movimento do sistema motor, transforma-se quando ela o deixa, dirigindo-se à consciência, entrando no reino dos sentimentos e emoções como uma vida psíquica altamente excitável. Quando o corpo astral se separa da organização metabólica, a sua dinâmica se manifesta de modo mais intenso em um estado de vigília psíquica, ou seja, na porção média e superior da organização humana. O aspecto mais frequente desta 'agitação' se expressa na parte superior do tórax, pescoço e face que pode ser considerada uma manifestação corporal desta agitação. De modo similar, pode-se constatar a rapidez para ir às lágrimas em momentos emocionais e dificuldade

em controlá-las. Outro fenômeno é o da inadequação das habilidades de enfrentamento em situações de estresse e a sensação de 'perder o controle'. O eu manifestamente não tem o poder de dirigir a dinâmica avassaladora do astral. Comparativamente falando, é evidente o pequeno poder de estruturação na vida da alma (Girke, 2002).

Em vista do que foi apresentado acima, a caracterização do diabetes por Rudolf Steiner (1922) que se segue, parece se aplicar à síndrome metabólica pré-diabética igualmente:

Então, novamente, simplesmente não pode ser ignorado que, com o diabetes, em uma maior ou menor medida estamos lidando com causas essencialmente psíquicas e que as perturbações emocionais que uma pessoa passa, se facilmente excitável, podem ser fortemente ligadas ao surgimento do diabetes.

O eu se mostra realmente enfraquecido, e porque ele é fraco tende a restringir sua atividade para a periferia do organismo, e para o encéfalo através do qual desenvolve um forte intelectualismo. Mas o eu não é capaz de mover-se mais profundamente no organismo, onde o real processamento de proteínas ocorre. Acontece que estes processos internos, especificamente os processos internos de secreção, são eles próprios poderosamente ligados com a geração de sentimentos, com a vida emocional. Enquanto o eu é ocupado principalmente com a atividade cerebral, ele deixa abandonada toda a atividade que é de natureza secretora, a qual é essencialmente uma atividade oscilatória, circulatória. E é nestas circunstâncias que o ser humano perde o controle sobre certas manifestações psíquicas que exercem influência sobre os sentimentos.

Com isso, a imagem da síndrome metabólica como uma doença estreitamente associada com o diabetes tipo 2, pode ser resumida da seguinte forma: a organização do eu e o corpo astral falham em adquirir eficácia adequada no sistema metabólico-motor. A dinâmica astral nesta área do organismo trimembrado desloca-se cada vez mais em direção à região média do ser humano e pode ser observada em tais fenômenos como uma vida emocional excitável. Os vasos sanguíneos perdem sua estrutura normal, os componentes de tecidos mais finos dos vasos sanguíneos crescem demasiado, e se tornam muito ativos para permitir que o eu viva adequadamente no organismo. A organização física pode ser tão prejudicada a ponto dos membros precisarem ser amputados por causa do suprimento inadequado de sangue. Como o tecido corporal usado para os

movimentos se torna sempre menos penetrado pelo eu, o sangue, veículo do eu, se torna menos apto para individualizar o açúcar, assim também a substância do sistema nervoso se torna alienada pela fraqueza da organização do eu resultando na neuropatia diabética. Tudo o que puxa a organização do eu do efetivo engajamento na atividade física promove diabetes (Karnow, s/d).

O fator genético desempenha um papel fundamental no diabetes tipo 2, constituindo-se em mais um pilar da tríade (sedentarismo, hereditariedade e obesidade) de alto risco para o diabetes. Mas, a questão que surge é como os genes podem receber uma predisposição ao diabetes? Michaela Gloeckler (s/d) diz que, historicamente, um pensamento que é técnico, intelectual e com nítida falta de calor interno, tem se desenvolvido ao longo dos últimos 200 anos. No ano de 1800 começou a Revolução Industrial com a invenção da máquina a vapor para a produção mecanizada de algodão. Foi aqui que pela primeira vez este tipo de pensamento frio, sóbrio, objetivo, automático entrou em aplicação prática nas inovações mecânicas o que teve um enorme impacto cultural duradouro. Desde então, passaram-se sete gerações até os nossos tempos. Depois de sete gerações de aumento de sobrecarga intelectual e crescimento da frieza em nosso pensamento, assistimos a esta doença assumindo grandes proporções nos países altamente industrializados do mundo, possivelmente estimulada pelo nosso estresse cotidiano, que funciona como adaptador às circunstâncias exteriores.

Hoje em dia os seres humanos se adaptam rapidamente às condições exteriores, mas não suficientemente conscientes, desse modo, como nossos corações não estão totalmente engajados, cada vez menos calor está disponível na atualidade para preenchê-los, acolhê-los. Assim, nós, como seres dotados de um eu, não estamos muito envolvidos em deixá-lo penetrar o nosso corpo, uma vez que estamos permitindo o predomínio das funções vegetativas e animais. De fato, o diabetes é agravado por tudo o que desvia o eu de sua função através da atividade do corpo, ou seja, a maioria de nossas atividades passivas receptivas dos tempos atuais.

## Símbolo e destino

Segundo George Baker (1960), Tântalo era o rei da Frígia, descrito como sendo pessoa de 'maus bofes', rancoroso e descendente de uma estirpe de guerreiros. Surge em cena no episódio do rapto de Ganimedes por Zeus metamorfoseado em águia. O rei Tros

estava convencido de que seu filho Ganimedes fora capturado por um bando de frígios e por eles sequestrado. Assim sendo, enviou um mensageiro ao rei Tântalo, exigindo a devolução de seu filho. Tântalo observava com inveja a prosperidade crescente do rei Tros, e viu naquela mensagem a oportunidade de conquistar pelas armas o que seus súditos não podiam adquirir pelo trabalho. Mandou, em consequência, resposta provocadora ao seu vizinho. No relato de Baker, Tântalo morre em decorrência da guerra entre ambos. Na versão apresentada por Kerényi (1993), Tântalo era rei da Lídia e seu reino se estendia até a Frígia; era também partícipe da mesa dos deuses, sendo um dos favoritos de Zeus. Certa ocasião Tântalo convida os deuses para um banquete, e para testar sua onisciência (em algumas versões porque temeu que a comida não fosse suficiente), matou seu filho Pélops, retalhou-o e mandou que cozessem a carne. Os deuses recuam horrorizados e abstêm-se da sinistra iguaria, menos Deméter que, abalada pelo desaparecimento de Perséfone, sua filha, acaba comendo o que corresponde ao ombro de Pélops. Este é restituído à vida, com um ombro de marfim. Além do crime cometido, a Tântalo são atribuídas outras facetas desprezíveis: como hóspede dos deuses não guardava seus segredos e os revelava aos mortais; também surrupiava a ambrosia e o néctar da mesa divina para reparti-los com seus amigos humanos. Sua punição é exemplar e eterna: atirado ao submundo, é mergulhado num charco cuja água lhe chega ao queixo. Atormentado pela sede, não pode beber, pois quando se inclina para matar a sede a água recua, desaparecendo até a terra lhe surgir aos pés. Frutos suculentos de árvores altas lhe pendem sobre a cabeça, mas se faz menção de apanhá-los com a mão, uma rajada de vento os afasta de seu alcance (Kerényi, 1993).

Para Paul Diel (1991) os mitos simbolizam fenômenos psicológicos nos quais o homem deve lutar contra suas tendências perversas a fim de desenvolver suas qualidades e para exteriorizar este combate interno os mitos mostram o homem em luta com monstros que simbolizam essas tendências. Todavia, no mito de Tântalo, o conflito não é simbolizado por um combate a um monstro. Aqui, a questão, segundo Diel, é o esquecimento por parte de Tântalo da sua condição de mortal e de seus limites. Isto consiste no clássico pecado da *hybris*, ou descomedimento, onde o homem perde a sua justa medida, seu *metron*, e como consequência é punido pelos deuses.

O que este mito relata é uma falsa exaltação do espírito que se expressa na vaidade de Tântalo. O roubo de néctar e ambrosia dificilmente nos faz pen-

sar em preponderância das coisas do espírito. Na verdade, podemos constatar por meio dos relatos, que as paixões de Tântalo estão exacerbadas, e isto nos remete, portanto, a uma intensa manifestação da astralidade. Onde a organização do eu deveria exercer seu comando, predominam seus impulsos e desejos. As impressões que vem de fora parecem exercer tremenda influência sobre ele, sua orientação está totalmente voltada para o mundo externo, basta lembrar suas ações para impressionar os amigos mortais, nelas não há vestígio de reflexão. A correspondência entre a punição de Tântalo e os sintomas do diabetes tipo 2 fala por si, sede e fome insaciáveis.

Gloeckler (s/d) diz que nos diabéticos tipo 2 é possível observar que o sentimento imbuído de reflexão pessoal não vem facilmente, e não mais desempenha um papel preponderante em seu pensamento. A impressão que se estabelece é de um barco sem timoneiro, o qual navega ao sabor das ondas. Ondas essas que poderiam, por sua vez, ser simbolizadas pelos modismos, apelos publicitários, representados pelo néctar, ambrosia e mais significativo, poder ostentar para os outros o fato de ser um convidado dos deuses.

Na sociedade pós-moderna, o apelo para este tipo de comportamento é explícito. Em um contexto consumista a vida interior se vê esvaziada, pois o próprio estilo de vida e seu ritmo alucinante impedem, ou pelo menos não estimulam, o voltar-se para si mesmo. A publicidade torna os indivíduos uma massa homogênea de consumidores, e está completamente alinhada ao pensamento único, techno-econômico. Mais além, determina as escolhas dos consumidores que cria, oferecendo uma ilusória vastidão de possibilidades que encobre a uniformização do consumo, pois praticamente as mesmas mercadorias são desejadas, independente do grupo ao qual o indivíduo pertença; induz a uma atitude sempre passiva do consumidor e assume uma atitude paternalista, manipulando o consumidor ao invés de colocar-se a sua disposição (Featherstone, 1995).

Através desta ideologia consumista, transmitida de forma eficaz pelos meios de comunicação de massa, a possibilidade de resistência ao sistema por ela criado é quase nula. O indivíduo só consegue sobreviver se integrando ao universal, se identificando à massa. A aceitação da técnica em sua utilização cotidiana, a crença compartilhada na ciência como fonte das maravilhas da técnica, a sujeição escravocrata ao econômico constituem fatores irresistíveis de padronização do imaginário. Esta homogeneização, onde todos pensam e desejam igual, é fortemente influenciada pelo discurso midiático que acaba por

fomentar um esvaziamento da subjetividade, pois veicula a necessidade imperiosa de se vivenciar sentimentos e sensações e a busca incessante de novos prazeres, isto acaba por ocupar um espaço central junto ao psiquismo humano. Desse modo, todos nós, em certo sentido, somos impelidos compulsivamente a uma vida de Tântalo.

O cenário pós-moderno composto pelo efêmero, o fragmentário, o descontínuo, o caótico, as mudanças cada vez mais vertiginosas, que fariam inveja a Heráclito, consagram o instante e provocam alterações no psiquismo e mais especificamente na esfera da afetividade, que compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflete sempre a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. Desta forma, a afetividade é que confere o modo de relação do indivíduo com a vida e será através da tonalidade de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo.

Este panorama nos fornece indicações claras de que suas características levam a um afastamento do eu e um estímulo aos desejos, paixões e instintos, pois em nenhuma civilização anterior as grandes preocupações metafísicas, as questões fundamentais do ser e do significado da vida pareceram tão absolutamente remotas e sem sentido. A preocupação cada vez mais exacerbada com o corpo físico e o culto à juventude, expressa uma busca nunca satisfeita, uma debilidade espiritual jamais vista na história. Isto traz graves consequências, uma vez que a essência do anímico consiste no impulso do homem para a liberdade. Graças às suas capacidades, o homem não é nem escravo da sua natureza, nem brinquedo do seu ambiente. Mesmo que nunca possa perceber totalmente o uso de suas possibilidades, é, no entanto, um ser, a este respeito, tanto de compulsão como de liberdade. Para chegar a alcançar uma liberdade cada vez maior, é necessária uma relação com a mais alta instância, o espírito (Szondi, 1975).

Pelos relatos míticos, Tântalo mostra por meio das suas ações, que sua organização do eu não está suficientemente presente. Ele parece ter sido dominado pela sua astralidade. O estreito contato com o sagrado pode ter tido um efeito estressante para Tântalo. Com isso, perde sua liberdade de escolha, pois não é mais ele quem se posiciona. As paixões e os desejos não satisfeitos passam a exercer sobre ele tremenda pressão. Baker (1960) diz ainda que Tântalo é de 'maus bofes' e rancoroso, o que mostra sua sus-

cetibilidade às questões emocionais. Porém, é sociável, tem amigos para os quais conta os segredos dos deuses e rouba o néctar e a ambrosia. Provavelmente quer ser tido em alta estima, admirado, quer ser visto. Está completamente absorvido pelo mundo externo, mas este contato se mostra patológico, uma vez que servir o próprio filho como prato principal não denota um bom contato com a realidade. Um rei deve ter mesa farta e também não deve se dedicar a atividades físicas e, com isso, teríamos dois componentes da tríade do diabetes presentes, sobrepeso ou mesmo obesidade e sedentarismo, embora o mito não descreva Tântalo fisicamente, podemos considerar esta hipótese como aceitável.

Segundo Margis *et al.* (2003), vários estudos têm demonstrado que a exposição a eventos de vida estressores é substancialmente influenciada por fatores genéticos. Alguns indivíduos não se expõem a eventos estressores ao acaso, mas apresentam uma tendência para selecionar situações com maior probabilidade em se constituir num evento de vida estressor. Dentro desta perspectiva, a doença expressa e revela a forma de um indivíduo viver e a sua interação com o mundo.

## Considerações finais

As doenças do homem moderno (pós-moderno) ocidental tendem ao grupo de doenças do polo neurossensorial ou frias, escleróticas. O nosso estilo de vida urbano, tende a sobrecarregar as funções neurossensoriais das pessoas, através de um excesso de estímulos em cidades populosas, violentas, poluídas, agitadas onde o estresse passa a ser o estado habitual dos cidadãos, todos estes aspectos antagônicos ao ideal humano. Observando, além das manifestações físicas, o cenário no qual está inserido o indivíduo, poderemos entender melhor os efeitos da nossa civilização atual, como agentes ativos na gênese de patologias. A quantidade de vida aumentou, mas não a sua qualidade. Então temos um aumento em todas as estatísticas das doenças escleróticas, como Alzheimer, arteriosclerose, diabetes, fibroses, neoplasias (Moraes, 2005).

O diabetes é favorecido por tudo aquilo que aranca o eu da atividade que intervém sobre o funcionamento do corpo; excitações psíquicas não ocorrem isoladas, mas repetidamente, o que impede o enquadramento normal da organização do eu no organismo total. Trata-se sempre de um deslocamento da atividade do eu, do sistema metabólico para o sistema neurossensorial. A profilaxia, apesar de nem mesmo

ser discutida hoje em dia, é de especial importância. É fácil admitir que o consumo atual de açúcar é extremamente alto e sobrecarrega constantemente o organismo, afetando sua capacidade reguladora. De igual importância é o efeito diabetogênico da época atual. A educação intelectual precoce cria em muitos casos a base constitucional para a irrupção ulterior da doença (Husemann & Wolff, 1978).

Alcançar e conservar um peso corporal adequado, se manter ativo fisicamente, consumir alimentos saudáveis são medidas recomendadas para prevenção da doença do ponto de vista físico; somada a elas está a tarefa de aquecer e inspirar o pensamento. Diabéticos precisam de suporte e treinamento para avivar a mente e não de uma ênfase em cálculos abstratos e raciocínio frio. Posto que, possuem uma vida emocional excitável, mal controlada e equilibrada pelas forças do pensamento, a tarefa do paciente é equilibrar o seu sistema rítmico. Finalmente, educar a vontade se torna a tarefa interna imposta pela doença. A luz do pensamento pode iluminar o domínio da vontade. Libertar o pensamento da sua abstração e inspirá-lo a exercitar a vontade se torna a tarefa em particular para estes pacientes não seguirem o destino de Tântalo.

## Referências bibliográficas

- Baker G. *Deuses e heróis: o romance da mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1960. 293 p.
- Berman M. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar*. Lisboa: Edições 70, 1989. 378 p.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Saúde Brasil 2007 uma análise da situação de saúde – Perfil de mortalidade do brasileiro*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- Debord G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997. 240 p.
- Diel P. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar, 1991. 238 p.
- Featherstone M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223 p.
- Gama MPR. Do milagre canadense do século XX às esperanças de cura do século XXI (Editorial). *Endocrinologia & Diabetes Clínica e Experimental*, 2(2): 3-5, 2002.

- Girke M. Diabetes mellitus from the Perspective of Anthroposophical Medicine  
Disponível em: <<http://www.anthromed.org/Article.aspx?artpk=70>> Acesso em 30/10/2010.
- Gloeckler M. *What task does chronic illness pose to the human being? s/d* Disponível em: <[www.anthromed.org/Article.aspx?artpk=72](http://www.anthromed.org/Article.aspx?artpk=72)> Acesso em 29/10/2010.
- Harvey D. *A condição pós-moderna*. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. 347 p.
- Husemann F, Wolff O. *A imagem do homem como base da arte médica*. Vol. I. São Paulo: Resenha Universitária & Associação Beneficente Tobias, 1978. 290 p.
- Karnow G. Diabetes, a mandate. Disponível em: <[www.anthromed.org/Article.aspx?artpk=410](http://www.anthromed.org/Article.aspx?artpk=410)> Acesso em 30/10/2010.
- Kerényi K. *Os heróis gregos*. São Paulo: Cultrix, 1993. 332 p.
- Margis R, Picon P, Cosner AF, Silveira RO. Relação estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(supl.1): 65-74, 2003.
- Moraes WA. *Medicina antroposófica: um paradigma para o século XXI*. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2005. 382 p.
- Penteado MS, Oliveira TC. Associação estresse-diabetes mellitus tipo II. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 7(1): 40-5, 2009.
- Sevcenko N. *A corrida para o século XXI no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das letras, 2002. 140 p.
- Souza NM. *Modernidade: a estratégia do abismo*. Campinas: Unicamp, 1999. 345 p.
- Steiner R. *Fundamentals of Anthroposophical Medicine, Lecture III*. Stuttgart, October 27, 1922, p.m. Disponível em: <[wn.rsarchive.org/Lectures/GA314/English/MP1986/19221027p01.html](http://wn.rsarchive.org/Lectures/GA314/English/MP1986/19221027p01.html)> Acesso em 29/10/2010.
- Szondi L. *Introdução à psicologia do destino*. São Paulo: Manole, 1975. 119 p.